

RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA APÓS SITUAÇÕES ADVERSAS

Reframing Adverse Situations Of Life After

SIQUEIRA, Cleuza Maria Camargo Dutra

Faculdade de Jaguariúna

MENEZES, Maria Inêz Rodrigues Couto

Faculdade de Jaguariúna

DRUDI, Priscila

Faculdade de Jaguariúna

ALMEIDA, Deborah

Faculdade de Jaguariúna

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo investigar de que forma as pessoas ressignificam suas vidas após situações adversas. Foi realizado um estudo qualitativo com quatro mulheres que enfrentaram situações adversas, sendo duas brasileiras que se recuperaram de câncer e duas angolanas sobreviventes de guerra. Foram realizadas entrevistas abertas e a avaliação dos resultados se deu a partir da categorização e análise dos dados colhidos durante as entrevistas. A discussão foi elaborada a partir do referencial teórico da Psicologia Analítica. Nesta pesquisa identificou-se que todas as entrevistadas lançaram mão de um recurso de enfrentamento na superação da crise. As brasileiras recuperadas de câncer afirmaram que a maternidade e a família foram essenciais nessa recuperação, enquanto as angolanas sobreviventes da guerra relataram que a espiritualidade cumpriu essa função em suas vidas. Constatou-se também que a partir das experiências de situações adversas e através dos recursos de enfrentamento, algumas transformações puderam ocorrer nas vidas das participantes. Foram identificadas três áreas em que as transformações aconteceram: vida em geral, valores e sentido da vida.

Palavras-chave: Situação adversa, ressignificação, Psicologia Analítica.

Abstract: The present study aimed to investigate how people resignify their lives after adverse situations. This was a qualitative study with four women who have faced adverse situations, being two Brazilians who have recovered from cancer and two Angolan war survivors. Open interviews were conducted and results assessment was performed based on the categorization and analysis of data collected during the interviews. The discussion was drawn from the theoretical framework of Analytical Psychology. In this study it was found that all interviewees have made use of a feature face in overcoming the crisis. The Brazilian recovered from cancer said that motherhood and family were crucial in this recovery, while the Angolan war survivors reported that spirituality has fulfilled this role in their lives. It was also found that from the experiences of adversity and through the coping resources, some changes might occur in the lives of participants. We identified three areas where changes have happened: life in general, values and meaning of life.

Keywords: Adverse situation, reframing, Analytical Psychology.

Introdução

Pesquisadores têm procurado compreender por que determinadas pessoas parecem ter a capacidade de superar situações adversas, enquanto outras não. Estudos e experiências realizados apresentam algumas explicações científicas.

A Biologia explica que cada ser humano tem seu potencial genético, uns mais resistentes que outros. A Psicologia realça a importância das relações familiares, sobretudo na infância, construindo nesse indivíduo a capacidade de suportar determinadas crises e superá-las. A Sociologia refere-se ao meio, à cultura e à tradição como influência da construção do indivíduo de superar as adversidades. A Teologia, pela própria subjetividade, traz uma visão diferente, a da necessidade do sofrimento como fator de evolução espiritual da condição humana. Esses estudos e experiências têm introduzido o conceito de resiliência. (VASCONCELOS, 2005 apud PELTZ, 2010).

A origem da palavra resiliência vem do latim *resiliens*, que significa saltar para trás, voltar, recuar, diminuir-se. Na língua inglesa podemos identificar o significado *resilient* como algo flexível e com a rápida capacidade de recuperação. Conforme o dicionário da língua inglesa, existem dois significados para esta palavra, um deles refere-se à rapidez de retomar sua saúde e seu estado de espírito depois de passar por situações difíceis, enquanto que a outra definição refere-se ao movimento de elasticidade que é a condição de uma substância de voltar ao que era antes após a remoção de uma pressão: flexibilidade. Este último é conceito original de resiliência, utilizado no campo da física, que pode ser aplicado tanto à matéria quanto a pessoas, ou seja, estuda até que ponto um material sofre impacto e não se deforma (YUNES 2001, apud PINHEIRO 2004).

Conforme estas definições entende-se também por resiliência a propriedade de uma pessoa recuperar-se após um dano. É a propriedade que ela tem, não de voltar à sua forma original como os objetos da física, mas de minimizar ou dominar os efeitos nocivos da adversidade, em uma resposta ao risco. Essa possibilidade de superação significa, então, não uma eliminação de algo, mas sua ressignificação. Não é um atributo de nascença ou adquirido; antes, é um conjunto de processos psíquicos e sociais que ocorrem em um tempo, dadas certas condições (RUTTER 1990, apud PELTZ et al., 2010).

Diversos autores estudaram vítimas de situações adversas, e alguns deles falam sobre a possibilidade de se superar as adversidades, percebendo-as posteriormente como oportunidades de crescimento e superação, trazendo um novo significado para a vida da pessoa. (KÜBLER-ROSS, 2003 apud CHEQUINI, 2009).

Sob a ótica da Psicologia Analítica, compreende-se que superar as adversidades relaciona-se com a idéia de adaptação, o que sugere o equilíbrio entre as suas necessidades externas, ambientais, e as suas necessidades internas ou subjetivas. Jung (2008) fundamenta sua teoria sobre a ideia do processo de individuação, que seria o processo natural que gera uma unidade indivisível, um todo, a partir do conflito de duas realidades anímicas fundamentais, a consciência e o inconsciente; em outras palavras, o processo de “tornar-se si mesmo”. Por ser um processo natural a todo ser humano, o autor afirma que todos os eventos (internos e externos) da vida do indivíduo fariam parte dele, podendo contribuir para o desenvolvimento da pessoa quando esta buscasse sentido nestes eventos e ressignificasse sua vida a partir destas experiências.

Outros autores corroboram a ideia de Jung. Rothenberg (2004), utilizando sua própria experiência de vida como ponto de partida, fala sobre a possibilidade de ressignificação da vida a partir da ideia de que o nosso próprio centro interior (Self) nos mostra o sentido da vida.

Pensando mais especificamente no adoecimento (DAHLKE, 1999 apud SELLI, 2008) fala de como a doença na vida de uma pessoa é um caminho, nem positivo nem negativo em si mesmo, que pode ser simplesmente percorrido. Conforme Hita (1998, apud SELLI, 2008) e Alves (1994, apud SELLI, 2008), a doença seria uma oportunidade para um sujeito tornar-se aquilo que ele é. Para os autores, os sintomas transmitem mensagens que podem transformar a vida do doente, constituindo-se em oportunidades de autoconhecimento.

Para estes mesmos autores, os episódios de doença levam, muitas vezes, as pessoas a refletirem sobre sua posição no meio social; o adoecer é transformado em aflição constituída de sentido: relacionando um conjunto concreto de qualidades, fatos, objetos e eventos, produzindo mudanças sobre as relações do indivíduo com o meio. Portanto, ressignificar é produzir sentidos para a experiência da doença.

“A ressignificação da vida implica num processo de subjetivação, no qual a pessoa passa a apropriar-se da sua

doença e a operar um reordenamento na vida. A introdução da nova concepção no modo de viver, como resposta à doença, exige que a pessoa doente se situe no novo contexto existencial provocado pela doença” (BELLINO, 1997 apud SELLI 2008, p. 2).

Assim como as pessoas ressignificam a vida após problemas de saúde, é possível a ressignificação após diversos outros tipos de situações adversas, como a guerra, por exemplo.

A partir do relato de experiência de sobreviventes de guerra e de pessoas que sofreram câncer, este artigo teve como objetivo verificar e compreender de que forma as pessoas ressignificam suas vidas após tais situações adversas.

Método

Foi realizado um estudo qualitativo com pessoas que enfrentaram uma situação considerada adversa. Foram entrevistadas quatro mulheres, com idade entre 18 e 54 anos, sendo duas delas brasileiras que tiveram câncer e vivem no interior do estado de São Paulo (sujeitos 1 e 2), e duas sobreviventes da guerra civil da Angola e que vivem na cidade de Bié na Comuna do Kunjie (sujeitos 3 e 4) que estão apresentadas na tabela a seguir (Tabela 1).

As participantes foram convidadas a participar do estudo. Após aceitarem participar da coleta dos dados, todas leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A seguir foram solicitadas a relatar sua experiência adversa (enfrentamento da guerra ou câncer) através de entrevistas abertas. As entrevistas foram áudio gravadas, transcritas e analisadas, e, posteriormente, deletadas. A avaliação dos resultados se deu a partir da categorização e análise dos dados colhidos durante as entrevistas (TURATO, 2008).

Foi utilizado como critério de inclusão que as participantes tivessem enfrentado problemas durante suas vidas e conseguido, de alguma forma, ressignificá-las, de acordo com suas crenças, suas vivências e sua subjetividade.

Tabela 1: Características das mulheres entrevistadas

ENTREVISTADAS	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	ESCOLARIDADE
Sujeito 1	F	30	Casada	Pós Graduada
Sujeito 2	F	54	Casada	Pós Graduada
Sujeito 3	F	19	Solteira	Ensino Fundamental
Sujeito 4	F	18	Solteira	Ensino Fundamental

Resultados e Discussão

Após leitura e releitura dos relatos coletados e transcritos nas entrevistas, os resultados foram organizados em categorias e subcategorias. A primeira categoria foi Recursos de Enfrentamento, tendo como subcategorias Religiosidade e Família; a segunda foi Ressignificação da Vida, e suas subcategorias, Mudanças na Vida, Mudanças de Valores e O Sentido da Vida.

É muito difícil, senão impossível, encontrar alguém que nunca tenha passado por uma situação adversa em sua vida. Pensar em viver o sofrimento que essas situações trazem sem extrair nada de positivo disso é quase insuportável. Entretanto, entende-se que para que isso possa acontecer é necessário que o indivíduo disponha de algum recurso ou passe por uma experiência que favoreça a superação.

Para que a transformação de uma experiência negativa em uma vivência positiva possa acontecer, é necessário que não haja excessiva rigidez psíquica e que o indivíduo disponha de recursos internos que ajam em seu inconsciente, como a força de seu ego mantendo intactas as capacidades de pensamento, de discriminação e de reparação (DE FELICE, 2007).

Recursos de Enfrentamento (Religiosidade e Família)

Nesta pesquisa identificou-se que todas as entrevistadas se perceberam lançando mão de um recurso de enfrentamento importante na superação da crise. As brasileiras recuperadas de câncer afirmaram que a família foi essencial nessa recuperação, porém a maternidade também contribuiu para essa superação,

enquanto as angolanas sobreviventes da guerra relataram que a espiritualidade cumpriu essa função em suas vidas.

Estas experiências podem ser classificadas como “experiências emocionais corretivas”, de acordo com a definição de Alexander e French (1956, apud DE FELICE, 2007). Estas seriam experiências terapêuticas e curativas, que são capazes de reparar a influência traumática de experiências anteriores, e que podem tanto acontecer durante um tratamento terapêutico quanto na vida diária do indivíduo. Os autores também afirmam que esta transformação só acontece a partir de uma experiência real vivida pelo indivíduo, a qual causa efeitos sobre seu psiquismo inconsciente. Por mais importante e necessária que seja, apenas a compreensão intelectual da experiência não é suficiente. Pode-se considerar que neste processo estão envolvidos mecanismos psicológicos como reparação, elaboração psíquica, capacidade de pensar, discriminar e aprender com a experiência (DE FELICE, 2007).

Das mulheres que passaram pela guerra civil da Angola, ambas as entrevistadas se referiram à religiosidade como o principal recurso de enfrentamento.

“Eu estava muito triste, então comecei a ir mais e mais para a igreja [...] Eu estava num abismo! Certo dia, um jovem estava a contar seu testemunho na igreja, ele contou sobre prostituição e disse que o Senhor mudou sua vida. Eu disse: „será que o Senhor ainda pode me perdoar?!“ - eu disse dentro do meu coração, clamando sem esperança. Ai eu levantei chorando muito, já não me agüentava mais. Eu disse: eu preciso de ajuda. Preciso desse Jesus [...]. Desde aquele dia o Senhor entrou no meu coração. Na verdade a vida que eu levo se o Senhor não existisse eu seria a pessoa mais infeliz do mundo! Se eu agora sou feliz é porque eu sei que é no tempo certo de Deus, o Senhor vai abrir grandes portas que eu não consigo imaginar. Na verdade a graça do Senhor sustenta meu coração. A presença do Senhor cura todas as minhas feridas.” (Sujeito 3)

“A minha vida... depois de receber Cristo a minha vida transformou, nós estamos melhor, comparando com os tempos antigos que meu pai estava desempregado e minha mãe também. Eu tenho... antes de eu me converter eu via as coisas de uma outra forma, mas agora o meu maior desejo é fazer missões.” (Sujeito 4)

Para Sullivan (1993, apud FORNAZARI E FERREIRA, 2010), a espiritualidade é a maneira como cada indivíduo se relaciona com outras pessoas e o Universo, devido à sua crença em um poder maior, em um Deus. Essa se difere da religiosidade, que consiste na relação com uma instituição religiosa ou igreja, onde o indivíduo segue suas práticas, conforme afirmam os autores (LUKOFF, 1992, apud

FORNAZARI E FERREIRA, 2010; MILLER,1998 apud FORNAZARI E FERREIRA, 2010). Ambas as mulheres que se recuperaram de câncer citaram o papel da família como essencial no enfrentamento da crise.

“Tem a questão da família que eu acho que é importantíssimo, [...] aproximou muito a família, muda todo mundo, não é só a gente que muda depois de uma experiência como essa, todos os entes queridos ao meu redor mudaram.” (Sujeito 1)

“A importância das pessoas que nos são queridas, as pessoas da família, o meu marido, meu filho mesmo sendo pequenininho, meu pai, minhas irmãs, o apoio, o quanto ajudaram nesse período, então foi gratificante ver pessoas que eu já sabia que fariam isso, mas perceber que num momento como esse de dor se mobilizaram, de alguma forma participaram [...], ter a satisfação de realmente ter isso, pessoas queridas, pessoas importantes de tê-las nesse momento, tendo-as junto de mim.” (Sujeito 2)

Estudo realizado anteriormente atestou a possibilidade de que a maternidade se torne uma experiência capaz de promover um efeito curativo e psicologicamente transformador na mãe, através da relação com o filho (DE FELICE, 2007).

Ressignificação da Vida (Mudanças na Vida, Mudanças de Valores e O Sentido da Vida).

Nesta pesquisa constatou-se que a partir das experiências de situações adversas e através dos recursos de enfrentamento anteriormente citados, algumas transformações puderam ocorrer nas vidas das participantes. Foram identificadas três áreas em que as transformações aconteceram: vida em geral, valores e sentido da vida.

As situações adversas de fato costumam modificar a direção e o contexto da vida, transformando assim os valores do indivíduo, as coisas que ele considera importantes.

Todas as entrevistadas relataram alguma mudança na vida após a crise.

“O que mudou principalmente foram as escolhas de vida, eu achava que a vida era só trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar para você ter um reconhecimento, para um dia você ter uma condição financeira adequada para daí você aumentar a sua família [...] mas eu não tinha consciência de algo maior, que a vida não é só trabalho. Então a partir dessa experiência, foi quando eu parei para refletir.” (Sujeito 1)

“Não digo assim que minha vida mudou, não acho que mudou, acho que vai dando muito mais força à medida que você

enfrenta as situações difíceis, aprende a superar, então eu vejo nesse sentido, de mais amadurecimento, de mais força, de mais resistência.” (Sujeito 2)

”Minha vida era de muita tristeza, não conseguia olhar para alguém, nem sorria, porque eu me via sem valor. [...] Eu me senti valorizada e amada por Deus.” (Sujeito 3)

“Antes, o meu sonho era ser uma grande atriz de novela, o meu sonho era fazer novela, fazer televisão, assim eu gostava muito, assistia novela, eu gostava muito de fazer novela e falava „um dia eu tenho que ir na televisão e tal e fazer novela“, mas agora eu mudei” (Sujeito 4)

Ambas as mulheres que sofreram e se recuperaram do câncer, e uma das sobreviventes de guerra falaram sobre o valor das coisas em suas vidas.

“Que não tinha tanto valor era a questão da maternidade, que para mim era algo muito distante, era muito futuro, e foi o que eu realmente passei a valorizar mais, o tempo é algo que passei a valorizar, cada suspiro de vida, acho que você aprende a valorizar” (Sujeito 1)

“Não acho que algo que não tinha valor passou a ter, mas sim, de confirmar valores já existentes, como a importância das pessoas que nos são queridas, as pessoas da família.” (Sujeito 2)

“Mudei de expectativa e vejo a vida de outra forma, vejo mais as pessoas como se precisassem mais de Deus do que comida, do que qualquer outro bem material elas precisam mais de Deus.” (Sujeito 4)

Schwartz e Bilsky (1987, apud PORTO E TAMAYO, 2007) definem valores como princípios ou crenças, sobre comportamentos ou estados de existência, que transcendem situações específicas, guiam a seleção ou avaliação de comportamentos ou eventos e são ordenados por sua importância. Os valores guiam as atitudes e o comportamento das pessoas e eles podem estar relacionados a focos específicos da vida do indivíduo, formando estruturas inter-relacionadas. As pessoas apresentam uma estrutura de valores que guia a sua vida de maneira geral.

Ainda para Schwartz e Bilsky (1987, apud PORTO E TAMAYO, 2007), os valores são representações cognitivas de três tipos de necessidades humanas universais: necessidades biológicas do organismo, necessidade de interação social para a regulação das relações interpessoais e necessidades socioinstitucionais, que visam o bem estar e sobrevivência do grupo.

Schwartz (1992) propôs uma tipologia universal de valores baseada na literatura sobre as necessidades básicas dos indivíduos. Os tipos motivacionais propostos foram: Universalismo (Compreensão e proteção do bem-estar de todos e da natureza), Benevolência (Preocupação com o bem-estar de pessoas próximas), Conformidade (Restrição de ações e impulsos que podem magoar outros ou violar as expectativas sociais e normas), Tradição (Respeito, compromisso e aceitação dos costumes e idéias de uma cultura ou religião), Segurança (Segurança, harmonia e estabilidade da sociedade, dos relacionamentos e do self), Poder (Preservação de uma posição social dentro de um sistema social), Realização (Procura do sucesso pessoal por meio de demonstração de competência de acordo com as regras sociais), Hedonismo (Prazer e gratificação para si mesmo) e Estimulação (Novidade e estimulação na vida). (SCHWARTZ, 1992 apud PORTO E TAMAYO, 2007, p.2)

Sendo assim, diante das mudanças que ocorrem na vida e nos valores que o indivíduo possui, é esperado que o sentido de sua vida seja transformado.

Todas as entrevistadas falaram sobre a relação entre as situações que enfrentaram e superaram e o sentido de suas vidas.

”Foi a transformação, acho que a doença teve o sentido de transformar, acho que é um marco na vida da gente no sentido de acordar, de retornar para dentro de você mesma, de ver o que vale a pena e o que não vale, e o que é de verdade e o que é superficial, o que é profundo, então acho que a doença tem muito esse sentido, as experiências desse tipo fortalecem, fazem crescer, é muito bom.” (Sujeito 1)

“Então entender o significado disso na minha vida, poder olhar para dentro, poder me olhar, ver que caminho estava seguindo na vida, eu acredito que isso me ajudou muito nessa superação. Acredito que não entregar os pontos, em vez de me revoltar. Buscar compreender mesmo, acho que o grande segredo foi esse, entender o sentido para poder aprender, porque quando você aprende você não precisa mais da coisa, então foi uma lição aprendida.” (Sujeito 1)

”Não acho que a vida passou a ter sentido, ela continua tendo sentido, que afinal de contas eu lutei por isso, me empenhei muito para superar, para sair, não me abater nessa situação, mas eu acho que a vida teve um sentido que sempre teve, de lutar por ela que é muito importante.” (Sujeito 2).

“Não consegui ganhar o valor do mundo, mas ganhei a coisa que nunca acabará que é Jesus. Valeu a pena” (Sujeito 3).

“Agora o meu maior desejo é fazer missões, a Angola tem aldeias muito distantes que até hoje não ouviram falar da

palavra de Deus, lá não chega carros e nós não temos meios de como chegar lá, talvez um helicóptero, um vôo, qualquer coisa assim e o meu sonho é levar a palavra de Deus.” (Sujeito 4)

Segundo Sommenhalder (2010), o sentido da vida depende unicamente de cada pessoa e sua subjetividade, de acordo com sua cultura e valores, influenciando na tomada de decisões não somente por ele, mas pelo coletivo, pelo grupo que está inserido.

Sobre estas transformações, a mesma autora se refere à necessidade de encontrar o equilíbrio entre perdas e ganhos, influenciando o comportamento e atitudes que acontecem no nosso dia a dia, dando significados às dificuldades e, assim, podendo dar mais sentido à nossa vida.

Existem várias maneiras de se refletir sobre o sentido da vida, tanto a partir de fatores internos, sejam eles personalidade, enfrentamento, religiosidade, espiritualidade, história de vida, como de fatores externos, a sociedade, trabalho, dinheiro, lazer, necessidades básicas e segurança. A combinação de tudo isso é essencial para que se possa encontrar o equilíbrio que favorece a percepção do sentido da vida.

Considerações finais

A partir deste trabalho, buscou-se verificar e compreender de que forma sujeitos expostos a situações adversas ressignificam suas vidas e os recursos utilizados para tal. Assim, buscando levantar dados reais acerca de vivências singulares, optou-se por buscar participantes que enfrentaram duas situações distintas: a) superação de um câncer (doença) e b) convivência com uma guerra (evento).

Estar frente ao sujeito e ter conhecimento sobre sua experiência, da maneira que ele a traz, é algo imensamente satisfatório, pois possibilita que os participantes compartilhem sua superação e experiência vivenciada no reflexo da pessoa que se tornou.

A partir disso, pôde-se concluir que diante de uma situação de crise ou adversidade, na qual em grande parte o indivíduo não espera ou não está preparado para enfrentar, é importante que o mesmo seja levado a fazer questionamentos a si

próprio, sobre suas prioridades e, como conseqüência, ressignificar aspectos de seu próprio eu.

Ainda, as adversidades podem surgir como um momento para crescimento e superação, sendo que alguns participantes citaram grandes mudanças após seu enfrentamento. É notável e relevante pensar que o indivíduo aja buscando sua adaptação e equilíbrio às necessidades, ao mesmo tempo em que busca raízes próprias, ferramentas adquiridas ao longo de sua vida que possam colaborar para o enfrentamento das crises. Afinal, ressignificar é produzir sentidos para a experiência da doença (ou crise).

Contudo, pelo fato de o número de entrevistados ter sido muito pequeno, não se pode realizar generalizações que se dirijam às pessoas como um todo. Por isso, seria importante que um estudo quantitativo qualitativo seja realizado posteriormente.

Conclui-se que muitos avanços ainda são necessários no que se refere ao conhecimento e aprofundamento do tema. Acredita-se que ainda devam se desenvolver trabalhos voltados ao contato com sujeitos que enfrentaram situações semelhantes, porém no qual o impacto em suas vidas difere. Com isso, poderemos, talvez, compreender e aprofundar os recursos internos presentes para que aja a superação.

A partir disso, acredita-se que com esse estudo proporcionou-se elementos importantes para subsidiar uma formação que permita um direcionamento a este campo inovador e que tanto vem crescendo dentro da pesquisa em Psicologia.

REFERÊNCIAS

- CHEQUINI, M.C. **Resiliência e espiritualidade em pacientes oncológicos**: uma abordagem Junguiana. 2009. 167p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo.
- DE FELICE, E.M. **Transformação e “cura” através da experiência de ser mãe**. Psyché. v. XI, n. 21, p. 145-59. jul./dez. 2007.
- FORNAZARI, S.A.; FERREIRA, R.E.R. **Religiosidade/espiritualidade em pacientes oncológicos: qualidade de vida e saúde**. Psicologia Teoria e Pesquisa. v. 26, n. 2, p. 265-72. 2010.
- JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente** (Obras Completas). 21ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PELTZ, L.; MORAES, M. G.; CARLOTO, M.S. **Resiliência em estudantes do ensino médio**. Psicol.Esc.Educ. v. 14, n. 1, p. 87-94. 2010.
- PINHEIRO, D. P. N., **A resiliência em discussão**. Psicologia em Estudo. v. 9, n. 1, p. 67-75. 2004.

- PORTO, B. J.; TAMAYO, A. **Estrutura dos valores pessoais: a relação entre valores gerais e laborais.** Psicologia Teoria e Pesquisa. v. 23, n. 1, p. 63-70. 2007.
- ROTHENBERG, RE. **A jóia na ferida:** o corpo expressa as necessidades da psique e oferece um caminho para a transformação. Tradução Gustavo Gerheim. São Paulo: Paulus, 2004.
- SELLI L.; JUNGES J. R.; MENEGHEIL S.; VIAL E. A. **O cuidado na Ressignificação da vida diante da doença.** O mundo da saúde. v. 32, n. 1, p. 85-90. jan./mar. 2008.
- SOMMERHALDER, C. **Sentido de vida na fase adulta e velhice.** Psicologia: Reflexão e Crítica. v. 23, n. 2, p. 270-77. 2010.
- TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clinico-qualitativa:** construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, pela força que nos foi concebida, para iniciarmos, permanecermos e finalizarmos mais esta etapa de nossas vidas. Agradecemos também nossa família, que nos acompanhou e nos apoiou nesta trajetória, entre eles pais, irmãs, esposos assim como amigos os quais consideramos da família. Em especial agradecemos a nossa professora Deborah Almeida por sua compreensão, dedicação e empenho conosco em todo o processo de criação do nosso trabalho. Também gostaríamos de agradecer umas às outras pelo tempo dedicado, pelo respeito e carinho adquirido neste processo e por fim agradecer aos participantes com seus depoimentos, ou seja, agradecer todos que direta ou indiretamente de alguma forma contribuíram para a realização deste artigo.

Sobre os autores

Deborah Marçal de Almeida Landucci (Orientadora)
Psicóloga, Docente da Faculdade de Jaguariúna (FAJ).
deh_almeida@yahoo.com.br

Cleuza Maria Camargo Dutra de Siqueira
Psicóloga.
cleu_cd@yahoo.com.br

Maria Inêz Rodrigues Couto Menezes
Psicóloga

Priscila Drudi

Psicóloga, Escriturária no Hospital Municipal Walter Ferrari de Jaguariúna.

pridrudi@hotmail.com